

## ENTREVISTA

### Vinicius Modolo Teixeira (Professor, Universidade do Estado de Mato Grosso)

#### Sobre o entrevistado

Vinicius Modolo Teixeira é natural de Ribeirão Preto/SP.

Graduado em Bacharelado e Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com mestrado em Geografia pela mesma instituição e com doutorado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

É professor do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus de Sinop, e atua como orientador nos mestrados do Programas de Pós-Graduação em Geografia da UNEMAT (PPGGEO), UNEMAT/Cáceres-MT, Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Agroecossistemas Amazônicos (PPGBioAgro), em Alta Floresta/MT, e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, (PPGCAM), UFMT/Sinop, nos quais também ministra as disciplinas de Geopolítica e Geopolítica Ambiental. É autor de livros, capítulos e artigos em revistas nacionais sobre temas de Geopolítica e Geografia Política.

ORCID: 0000-0002-1743-242X

Lattes: 3997717414663988

E-mail: [vinicius.teixeira@unemat.br](mailto:vinicius.teixeira@unemat.br)

#### 1. É válido ressaltar que a política é uma ciência dinâmica e complexa? Por quê?

**Vinicius Teixeira** – Com certeza. Nada na política é estático. Pensando no que estamos chamando de política como as negociações partidárias inseridas nas instâncias de debate pertinentes ao nosso Estado, as condições para fazer a política, assim como na Guerra variam ao longo do tempo. Nas ciências humanas as perspectivas se modificam com o passar dos anos, à medida em que se conhecem mais os fatos e mais variáveis são associadas às análises. Devemos pensar a política como resultado de uma série de variáveis, que vão desde o comportamento humano, estudado por uma parte das áreas de saúde e biológicas, até as condições ambientais e sociais na qual as pessoas estão inseridas, sem que isso seja determinante para suas ações, mas a forma de pensar e agir de pessoas também passa pelos seus lugares e experiências pretéritas. Os pontos de vista dos interlocutores são influenciados por suas posições na sociedade e pela sua formação. Imagine a diversidade que podemos encontrar em um grupo colegiado eleito para nossa representação? Isso nos coloca em contextos e debates extremamente complexos para que se encontre o ponto comum para a decisão, havendo uma maioria convencida por uma posição.

Não tenho dúvidas que mais avançamos do que retrocedemos na forma de fazer política e de participar dela, já que os meios de informação e de

acesso aos pleitos se tornaram mais populares. Porém, o momento atual, onde um discurso de antipolítica é bastante ventilado, reflete opções pelo autoritarismo, com a negação das negociações.

**2. No pleito presidencial de 2022, tivemos os dois candidatos mais bem posicionados com “perfis populistas”.**

**Líderes carismáticos que criaram e criam uma relação de proximidade com as massas sem passar por uma instituição política, mas unicamente por seu carisma. O poder político dos dois deriva desse carisma: o “Mito” e o “Maior líder popular da História brasileira”.**

**Não há dúvida de que o eleitorado brasileiro é muito sensível aos líderes carismáticos, tanto de direita como de esquerda, que sabem denunciar a degradação do bem estar social e estigmatizar os responsáveis pela crise prometendo grandes rupturas e transformações, como se fossem o Salvador da Pátria chegando para libertar o povo de seus opressores. Eles são os portadores dos sonhos, das ilusões e das expectativas do eleitorado popular. Por que o populismo no Brasil é tão presente?**

**VT** – Não colocaria o termo populista para classificar os dois candidatos que ficaram melhor posicionados no pleito de 2022. Como acabamos por nos envolver em um turbilhão de questões nos últimos anos, alguns conceitos foram desconstruídos e outros passaram a ser utilizados sem as devidas balizas. Ainda que tenhamos o “populismo” com diversas facetas e espectros políticos, o termo também sempre carregou um peso negativo, já que todo governante que de alguma maneira objetivou alguma medida que beneficiasse as classes mais baixas da população foram classificadas como tal pelas elites do país. Já com relação ao carisma, aí podemos apontar como certo, ainda que em medidas e abordagens diferentes.

Enquanto um pende para o apoio as classes populares e a superação de mazelas como a fome e falta de moradia, o outro aponta para questões comportamentais e ao que considera ameaças a uma sociedade e modos de vida conservadores. Enquanto pesquisador não posso deixar de apontar que um trabalha com aspectos reais, possíveis de serem medidos com dados e superados com medidas possíveis, o outro aborda aspectos intangíveis de nossa sociedade, que estão articulados com o imaginário da população, sendo que as soluções aventadas aos problemas por ele apontados ferem direitos básicos já conquistados, criando embates que, acima de tudo, nos distanciando de discussões muito mais relevantes.

Penso que no Brasil há uma carência de lideranças capazes de consolidar projetos de Estado, com as eleições se apresentando como oportunidades de descartar o que fora construído pelos outros governos. Assim, um discurso que seja “contra tudo isso que está aí”, acaba sendo facilmente incorporado por parte da população insatisfeita, pois é simples e não há de fato consciência dos problemas que temos que enfrentar, que são complexos. Quando o discurso se baseia em questões simplistas e que dificilmente encontrará oposição, como o “combate à corrupção”, “diminuição dos impostos”, “menos Estado, mais liberdade” e etc, isso ressoa fortemente entre insatisfeitos. Isso pode ser experimentado nos debates presidenciais e para governo dos Estados nessas eleições de modo muito claro e com raras exceções. Poucas vezes os projetos foram debatidos, tendo os discursos apontado para questões personalistas e acusações.

**3. A extrema direita ganha e ganhou força nos últimos pleitos em diversos países. O que aproxima e diferencia tal fenômeno político nos mais diferentes contextos?**

**VT** – O avanço da extrema direita é um fenômeno globalizado e que segue um receituário de práticas

e discursos. Há muito mais semelhanças do que diferenças, sendo que para a segunda podemos apontar as questões mais próprias de cada país, que implica em adaptações para que a operação extremista seja feita. No entanto, ficou explícito que diversos governantes se utilizaram dos mesmos *modus operandi* e da mesma retórica para convencer seu eleitorado. Como dito anteriormente, o discurso de ideias simples, de fácil assimilação e que não encontram uma oposição, oferece uma porta de entrada para grupos que carregam em seu âmago ideias extremistas, mas que não estão na linha de frente de sua defesa. As ideias simplistas servem como uma cunha, abrindo caminho para que esses grupos se consolidem como representantes de parte do eleitorado, que depois de convencidos de sua atuação, passam a divulgar parte de seu itinerário político.

O discurso extremista não é amplamente veiculado, ele não se espalha tão facilmente como as ideias mais corriqueiras de “Estado mínimo”, “liberdade” e de “combate à corrupção”, mas está associado a eles e somente as pessoas instruídas a ler nas entrelinhas conseguem decifrar os perigos contidos nessas falas. Vamos lembrar, como exemplo, que por trás de um discurso de um pré-candidato à presidência (que não logrou se candidatar a esse cargo) estava o combate à corrupção, em relação ao qual penso que todos brasileiros são favoráveis, mas que previa a adoção de métodos semelhantes aos ucranianos para fazer frente aos corruptos!

Ora, a Ucrânia foi um dos países onde a extrema direita mais ampliou suas bases, inclusive com grupos neonazistas organizados incorporados à defesa nacional. Outro exemplo foi a comemoração por parte do nosso chanceler da construção prioritária de relações com países do grupo de Visegrado, reconhecidamente de extrema direita e que combatem o direito de minorias. As ao tentarem replicar as práticas políticas desses países fica clara as relações e os interesses comuns, ainda que o que seja visto

como problema pela população desses lugares não seja realmente o que atinge nossa sociedade. Assim, tentam construir discursos comuns, mas que são simples em essência.

Outro método é a reprodução de histórias fantasiosas, criadas com o intuito de horrorizar as pessoas e demonizar os inimigos políticos. O que passou a ser chamado de “Fake News”, foi amplamente utilizado por grupos extremistas e levou até mesmo a incidentes absurdos como do *Pizzagate* nos EUA. O mote dessa história, baseado em abusos de crianças, foi ainda mais fantasiado, chegando ao leste europeu com adaptações e, posteriormente, reproduzido no Brasil por meio de uma candidata ao Senado. Grande parte da população ao tomar contato com essas histórias sabe que elas são absurdas, mas infelizmente uma parcela que não é insignificante é convencida e se radicaliza nesse processo.

Mais um ponto comum a esses movimentos é que, quando são criticados ou criminalizados pela imputação de crimes, de informações falsas ou tentativas de distúrbio do processo político, eles se escondem na legislação que permite a liberdade de expressão ou na condição parlamentar que dá foro privilegiado. Ainda que mesmo nessas condições exista a prática criminoso, o discurso de que estão sendo “censurados” e que lutam pela “liberdade” é prontamente levantado e convence os seguidores a sair em defesa desses líderes.

**4. Nas últimas décadas, tivemos muitos livros lançados – nacional e internacionalmente - acerca da crise da democracia liberal e representativa no mundo ocidental. Estamos diante de uma crise ou num processo de reinvenção da democracia nas suas mais diferentes expressões (democracia representativa, democracia de opinião, democracia participativa)?**

**VT** – Certamente há uma crise, que na minha opinião é derivada principalmente da forma como

os políticos se comunicam com a população. Enquanto os meios de informação e as redes sociais se popularizaram e se tornaram a fonte principal de notícias e debates, sem que haja qualquer regulação ou responsabilização do que é dito nesses canais, os políticos de “linhagem” mais antiga não seguiram para esses meios. Mesmo em países em que notávamos uma estabilidade da democracia e não se viam problemas sociais aparentes, os governos e as formas de governar passaram a ser questionados e na maior parte das vezes por grupos extremistas de direita.

Na Europa, o discurso sobre a perda de identidade nacional devido a migração e a perda da qualidade de vida por parte da população de alguns países foi um dos grandes motivadores de movimentos que tinham como objetivo “renovar” a política desses países. Sob esses auspícios, lideranças jovens e alinhadas com os novos métodos de promover ideias, através de redes sociais e aplicativos tiveram sucesso nas eleições. O método é o mesmo. Vídeos curtos, fáceis de entender, ideias simplistas e universais, uma boa aparência e locução e está formado um potencial líder.

Logicamente que por trás disso há recursos e interesses privados. Não podemos pensar que vídeos muito bem construídos e amplamente divulgados foram feitos de modo independente e repassados de forma voluntária. Abre-se aí as portas para a entrada de ideias extremistas que visam a destruição dos modelos de governança instituídos.

Do outro lado, os políticos que não se adaptaram a esses novos formatos, bem como os interessados no debate e nas soluções, que discutem de maneira mais complexa e incapazes de expor suas ideias em um vídeo de quinze segundos ou com

uma dancinha orquestrada, acabam ficando fora da disputa. Caso isso não seja revertido, tanto na forma de exposição de ideias e no controle e combate a métodos criminosos de divulgação, como no convencimento de que um debate mais profundo é necessário, há o risco de em alguns países se experimente a ruptura de processos democráticos.

**Entrevistador:** José Renato Ferraz da Silveira